

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

COLEÇÃO ENSAIOS/CO-EDIÇÃO IEL

Imprensa Farroupilha
Francisco Riopardense de Macedo

Na Trilha de um Andarengo: Alcides Maya(1877-1944)
Marlene Medaglia Almeida

Literatura e Cidade Moderna: Porto Alegre 1935
Claudio Curz

Pedidos:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 PORTO ALEGRE - RS
BRASIL
FONE:(051) 339-1511 Ramal 3323
FAX:(051) 339-1564

A RELÍQUIA: (AUTO)BIOGRAFIA DE UM HIPÓCRITA?

MARIA LUIZA RITZEL REMÊDIOS
(PUCRS)

Philippe Lejeune,¹ em seus estudos sobre o espaço autobiográfico, sublinha que os jogos de fuga e de revelação compõem a estratégia de construção literária de uma personalidade e que a consciência de um ser dividido desfaz a unidade do eu e o mito do sujeito pleno. *A Relíquia*,² novela de Eça de Queiroz, seguindo a tradição que o discurso íntimo tem na literatura portuguesa, narra o vivido e mostra como as diferentes situações de comunicação fazem oscilar a forma e a função do eu. Em *A Relíquia*, há o desnudamento da fragmentação do sujeito e a preferência ao fundamentalmente humano: a essência, o fim, o destino do homem. O conhecimento desses objetivos torna-se imprescindível ao romance de Eça de Queiroz que, em consequência, alcança, no leitor, o progresso intrínseco que se deriva do conhecimento de si mesmo, importante para despertar o interesse pelos verdadeiros problemas humanos. O homem que Eça analisa é o homem lançado no Universo, com sua grandeza e sua miséria, um homem problemático considerado em suas relações com o outro, com a história, com a sociedade, com o transcendente. Por isso, na análise dessa novela de Eça de Queiroz, observa-se a composição textual em relação à função do sujeito da enunciação e à posição do leitor diante da matéria narrada, para se questionar a diferença entre novela autobiográfica e autobiografia, para se afirmar a questão da duplicação e fragmentação do sujeito em narrativas confessionais.

No conjunto ficcional que circunda *A Relíquia* e em que se constrói a personagem Teodorico, o leitor pode-se indagar se Teodorico Raposo existiu ou não existiu?, se ele era escritor ou não? qual a substância e o sentido de sua identidade? Para responder a essas questões, estabelecidas pelo leitor, é preciso observar as etapas que envolvem a gênese e a biografia de Teodorico Raposo; o pensamento e os propósitos, os anseios e os objetivos da época que o criou. Também é necessário observar-se a cons-

¹ LEJEUNE, Ph. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

² QUEIROZ, Eça de. *A Relíquia*. In: ———. *Obras completas*, v. II. Rio de Janeiro: Aguilar, 1970. p. 1093-1270. Todas as citações referem-se a essa edição.

trução de um universo ambíguo, no qual o discurso aparente carrega o discurso velado e transgressor, apontando para a relação *eu/outro*.

A narração de *A Reliquia* desenvolve-se em primeira pessoa, vista e filtrada do presente, sendo a ação de Teodorico Raposo uma concretização da reflexão do narrador o que estrutura a alternância de tempos e espaços. Relata a vida de Teodorico Raposo, neto do padre Rufino da Conceição que, em Coimbra, recebeu a alcunha de Raposão, pois era

homem de gostos soezes e letras grossas, para quem os maiores prazeres da vida eram o fado e uma Adélia que o enganava com um tal Adelino³

Essa estranha personagem resolve, depois de *arrependido* de sua hipocrisia e bem casado e pai de família, escrever sua história, por motivos particulares:

Esta jornada à terra do Egito e à Palestina permanecerá sempre como a glória superior da minha carreira; e bem desejava que dela ficasse nas Letras, para a Posteridade, um monumento airoso e maciço. Mas hoje, escrevendo por motivos peculiarmente espirituais, pretendi que as páginas íntimas em que a relembro se não assemelhassem a um *Guia Pitoresco do Oriente*. Por isso (apesar das solicitações da vaidade) suprimi neste manuscrito suculentas, resplandecentes narrativas de ruínas e de costumes... (p. 1095)

Explicita, com clareza, que suas memórias serão escritas em consciência da viagem que lhe possibilitou experiências diferentes e significativa mudança em sua personalidade. Por isso, ele, Teodorico Raposo, deixará de lado as *narrativas de ruínas e de costumes*, e selecionará aqueles fatos que propiciaram a sua transformação.

O espaço autobiográfico fica delimitado no *Prefácio*, onde a personagem-narradora dá as diretrizes da narrativa e oferece os elementos para a análise. Trata-se, pois, de um relato cujo enunciador, devidamente contextualizado, tanto física quanto psicologicamente, objetiva atingir o destinatário coletivo ao qual revelará o que contém os dois pacotes de papel pardo que o acompanharam em sua viagem:

eu o revele aos meus concidadãos nestas páginas de repouso e de férias, onde a Realidade sempre vive, ora embaraçada e tropeçando nas pesadas roupagens da História, ora mais livre e saltando sob a caraça vistosa da Farsa (p. 1097).

e dar uma lição de moral, justificando valores que beneficiam o sistema de conveniências sociais instaurado pela Burguesia Liberal.⁴ Para isso, a estrutura composicional de *A Reliquia* mostra, principalmente, como intera-

³ SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Eça de Queiroz*. Amadora: Bertrand, 1973. p. 477.

⁴ REIS, Carlos. *Estratégia Narrativa e representação Ideológica n' A Reliquia*. In: *Colóquio Letras*, 100, novembro-dezembro de 1987. p. 53.

gem os elementos constitutivos da relação dessa personagem-narradora com ela mesma, com D. Patrocínio da Neves (a Titi), com o Crispim, a Adélia, o Justino, a Vicência e outras personagens. Também a interação dessas personagens com referências temporais e/ou espaciais que marcam a trajetória de Teodorico desde sua infância até o momento presente da narrativa em que decide escrever sua biografia. Numa posição distanciada com relação aos leitores, *meus concidadãos*, a quem se dirige a personagem-narradora, relata sobre locais diferentes de seu percurso em diferentes tempos. Desvela as fases da sua infância, da adolescência e da idade adulta. Desse modo, os leitores ficam sabendo que Teodorico passou a infância em Viana, na casa do pai até a morte desse, e, em Lisboa, com a Titi; viveu como estudante em Coimbra, depois de formado, vai em romagem a Jerusalém; depois retorna novamente a Lisboa; casa e vai morar na *Quinta do Mosteiro*. A narração dos fatos é realizada sob ponto de vista onisciente e retrospectivo, próprio do quadro de um projeto romanesco e que se opõe ao que parece ser inerente à posição autobiográfica:

Casaram. Eu nasci numa tarde de Sexta-Feira da Paixão; e a mamã morreu, ao estalarem, na manhã alegre, os foguetes da Aleluia. Jaz coberta de goívos no cemitério de Viana, numa rua junto ao muro, úmida da sombra dos chorões, onde ela gostava de ir passear nas tardes de Verão, vestida de branco, com sua cadelinha felpuda chamada *Traviata*. (...) Eu cresci, tive sarampo; o papá engordava; e o seu violão dormia esquecido ao canto da sala, dentro de um saco de baeta (...) Depois, numa noite de Entrudo o papá morreu de repente, com uma apoplexia, ao descer a escadaria de pedra de nossa casa, mascarado de urso para ir ao baile na casa das senhoras Macedos (p. 1100).

Recordando etapas da sua existência, dos espaços e dos encontros com a vida, com a morte e com o sofrimento, a personagem-narradora obriga-se a situar o que é hoje na perspectiva do que foi, incentivando a curiosidade dos leitores e transformando-os não apenas em testemunhas de sua história particular, mas em testemunhas de uma época cultural. Faz, no presente da narrativa, uma leitura segunda da experiência vivida, a qual parece ser mais verdadeira do que a experimentada, porque dela tem consciência. A lembrança dá ao narrador autodiegético novas perspectivas, permitindo-lhe levar em consideração as complexidades de determinada situação, no tempo e no espaço. Assim, esse eu reconstitui o *outro*, traduzindo para o leitor a idéia que o *outro* pode fazer do eu, Teodorico Raposo. A reconstituição da vida de Teodorico mostra a ele mesmo fatos que lhe haviam escapado, escolhas que fez, etc. Teodorico, ao reviver suas experiências, busca sua vera identidade e, mesmo sem alcançar a certeza do eu, tenta dizer quem é, com a autoridade moral e ideológica que lhe é conferida por sua transformação pessoal e por sua madurez intelectual e afetiva.

Numa forma analéptica rememora sua infância e adolescência, afirmando eu sou Teodorico Raposo. Desse modo, os fatos anteriores à sua viagem a Jerusalém, a qual propiciou a revisão de sua transformação, inserem-se no relato através de associações elaboradas pelo sujeito da enunciação, no momento da escrita, ou porque vieram à lembrança da personagem ao desenrolar da ação. Essas associações e lembranças seguem uma ordem lógica, reveladoras do percurso de vida que permitem-no relatar seus passeios no Verão com o objetivo de alcançar homens que vivem na mesma sociedade que ele e modificá-los. Até aqui, diversos elementos sinalizados de um texto autobiográfico foram levantados, principalmente a posição de centralidade em que se coloca Teodorico Raposo em relação ao universo diegético e que acentua o caráter exemplar das experiências que viveu,⁵ mas será essa novela de Eça de Queiroz um texto autobiográfico?

A autobiografia, segundo se tem conhecimento, apropriou-se, durante seu desenvolvimento, de procedimentos formais inerentes a outras formas de discurso. Assim, mesmo com regras definidas, tais regras são transgredidas e os limites entre autobiografia e novela são apagados. Elisabeth Bruss,⁶ seguindo Lejeune, estabelece regras que, em princípio, deveriam satisfazer as condições de realização do ato biográfico: autor, narrador e personagem devem ser idênticos; informação e eventos devem ser verdadeiros e passíveis de comprovação; o autobiógrafo deve ter certeza sobre as informações dadas. Considerando-se esses aspectos, *A Relíquia* não é um relato autobiográfico, (não há identidade entre autor-narrador-personagem, as informações e eventos não são passíveis de comprovação), apesar de Teodorico Raposo retratar-se e avaliar-se envolvendo o leitor em sua história vivida e apesar de, no *Prefácio* ao relato, firmar-se o pacto narrativo, uma vez que o narrador-personagem, circunscrito à sua quinta, relembra e recria o mundo representado na memória:

Decidi compor, nos vagares deste verão, na minha Quinta do Mosteiro (antigo solar dos condes Lindoso), as memórias da minha vida – que neste século, tão consumido pelas incertezas da inteligência e tão angustiado pelos tormentos do Dinheiro, encerra penso eu e pensa meu cunhado Crispim, uma lição lúcida e forte.

Em 1875, nas vésperas de Santo António, uma desilusão de incomparável amargura abalou meu ser; por esse tempo minha tia D. Patrocínio das neves, mandou-me do Campo de Santana, em romagem, a Jerusalém: dentro dessas santas muralhas, num dia abrasado do mês de Nizã, sendo Poncius Pilatus procurador da Judéia, Elius Lamma legado imperial da Síria e J. Kalapha sumo-pontífice, testemunhei, miraculosamente, escandalosos sucessos: depois, voltei – e uma grande mudança se fez nos meus bens e na minha moral (p. 1097).

O narrador Teodorico Raposo, no instante da escrita, a reconstruir a história da personagem Teodorico, deixa entrever os espaços sociais que constituem a sociedade em que vive: a burguesia e o clero. Recuperando o passado, Teodorico analisa-o submetendo todas as ações a um objetivo central que constitui no por quê do seu discurso: condenar a hipocrisia e advertir o homem de que não deveria esperar a fortuna senão do esforço e do trabalho pessoais

Mas emudeci... Aquela infável voz ressoava ainda em minha alma mostrando-me a inutilidade da hipocrisia. Consulte a minha consciência, que reentrara dentro de mim – e bem certo de não acreditar que Jesus fosse filho de Deus e de uma mulher casada da Galiléia (como Hércules era filho de Júpiter com uma mulher casada da Argólida) – cuspi dos meus lábios, tornados para sempre verdadeiros, o resto inútil da oração (p. 1265).

O narrador-personagem, órfão, recolhido por caridade para a casa de uma tia, irmã de sua mãe, após a morte do pai por apoplexia, é pela *titi* educado numa tirania beata, revela, em sua história, primeiro seu maravilhamento pelas coisas religiosas; depois, tendo perdido a fé, mas não o desejo de herdar a fortuna de sua tia, revela-se como um carola abjeto,

Prodigiosa foi então a minha atividade devota! Ia a matinas, ia a vésperas. Jamais falhei a igreja ou ermida onde se fizesse a adoração ao Sagrado Coração de Jesus. Em todas as exposições do Santíssimo eu lá estava de rojos. Partilhava sofregamente de todos os desagrvos ao Sacramento. Novenas em que eu rezei, contam-se pelos lumes do Céu. E o Setenário das Dores era um dos meus doces cuidados (p. 1121).

Esse narrador cuidadoso em recuperar toda sua vida registra, a par e passo, os bons resultados da política que põe em prática até a troca de embrulhos que origina a expulsão de Teodorico Raposo da casa de sua *titi* e a descoberta de sua personalidade hipócrita. Deserdado, recebe, após a morte da *titi*, um óculo e reconhece de que nada lhe valeu a hipocrisia, eleva-se à condição de moralista.

Desde as palavras iniciais do texto queirosiano (prefácio), fica explícito o jogo duplo, ao mesmo tempo romanesco e autobiográfico, o qual é proposto ao leitor e que guia a escrita: *Decidi compor, neste verão, (...) as memórias de minha vida...* essas palavras acentuam o emprego sistemático da primeira em que o narrador leva o leitor à uma leitura ambígua, pois o que se tem é um *eu* posto ante um *ele* que é *eu*. Assim, a identidade se define no texto entre narrador e personagem, os quais remetem ao sujeito da enunciação e ao sujeito do enunciado, sendo difíceis de dissociar um do outro, porque em primeira pessoa. Também, desde o início da narrativa, fica marcada a duplicidade e a inconstância ético-moral que parecem estigmatizar a personagem narradora. Tanto assim, que seu percurso na his-

⁵ REIS, Carlos. Op. Cit. nota 4, p. 56.

⁶ BRUSS, Elisabeth. Op. cit. nota 5.

tória oscila entre a hipocrisia e fingimento e a coragem de revelar sua hipocrisia. Poder-se-ia traçar um caminho que parte da hipocrisia, passa pelo momento de desvelamento da hipocrisia e volta à hipocrisia, porque o discurso final da personagem-narradora é bastante hipócrita.

O leitor percebe a enunciação como um fato de enunciação. O sujeito da enunciação apresenta-se como aquele que *jura dizer a verdade, toda a verdade e nada além da verdade*.⁷ Os dêiticos temporais com que o sujeito da enunciação marca a trajetória da personagem Teodorico Raposo, são importantes num relato pessoal, porque propiciam a aproximação com o leitor, procurando envolvê-lo, enquanto acompanha o narrador-personagem no caminho para o conhecimento de si mesmo.

Nesse sentido, o texto queiroziano aproxima-se da autobiografia e do diário íntimo e contém elementos constitutivos do auto-retrato, porque apresenta um resumo daquilo que seria a essência da vida de Teodorico Raposo enquanto hipócrita e enquanto transformado em homem leal. Esses mesmos elementos apontam para a ficcionalidade, revelando o texto com uma novela. O narrador mistura os traços característicos de um gênero com o outro, e a narração da própria história pela personagem é delegada ao outro, e o leitor poderá ser tentado a acreditar que, em *A Relíquia*, os dois gêneros coincidem. Mas não é bem assim. Mesmo que os efeitos produzidos mudem, a narrativa estrutura-se como uma enunciação dupla que nos dá até o fim a impressão de uma voz fabricada que mimetiza ela mesma.

Em conseqüência, mostra um novo modo misto de romance, gênero que não tem nome, *mas que leva a buscar, a escrever, segundo uma dimensão nova ainda pouco explorada*.⁸ Afasta o leitor de suas certezas, convidando-o a participar da criação de sentidos e mundos, auxiliando o homem a modificar seu destino e a recuperar sua integridade, pois, conforme Carlos Reis⁹ se a narrativa parece revelar que a hipocrisia é inútil e que a mentira não compensa, que é preciso ter-se a coragem de desmascará-las para se estabelecerem princípios morais e critérios de comportamento, ao final, ela reafirma que convém aos leitores os jogos de aparência e procedimentos sociais e religiosos que configuram a burguesia liberal.

A estrutura interna do texto analisado tem, com se viu, função importante, porque destaca elementos imprescindíveis para o desenvolvimento da leitura, como o decurso temporal representado no texto ou o tom que o sujeito da enunciação procura dar à própria imagem. Esses elementos periféricos não podem ser esquecidos quando se quer determinar o gênero

⁷ LEJEUNE, Ph. Op. cit. nota 6.

⁸ MIRANDA, W. *Água viva: auto-retrato (im) possível*. In: SOUZA, Eneida & ANDRADE, Vera Lúcia (Org.) *Ensaio de semiótica*. Belo Horizonte: UFMG, 1983. p 219-234.

⁹ REIS, Carlos. Op. Cit. nota 4 p. 58.

de um texto e delinear relações de semelhança e diferença com outros tipos de texto.

A novela de Eça de Queiroz mostra que a fronteira entre o autobiográfico e a ficção intimista ou subjetivamente verdadeira é bastante tênue, podendo o grau de *fingimento* de determinados textos ser tão variável que torna difícil a diferenciação entre uma autobiografia autêntica e uma forma romanceada, isso porque muitos romances em primeira pessoa podem *fingir* o relato verídico de uma experiência pessoal. O leitor não pode desfazer a ambigüidade entre a história concreta do eu real, que remete ao autor, e a recriação metafórica, invenção ficcional.¹⁰

Não podendo ser considerado como autobiográfico, no sentido de autobiografia concebido por Lejeune, apesar dos sinais que apontam para o gênero e que foram detectados na análise, o texto de Eça de Queiroz caracteriza-se pela reflexividade, isto é, capacidade da linguagem e do pensamento de voltar-se sobre si mesmo, de constituir um objeto para si mesmo. Assim, *A Relíquia* caracteriza-se pela recriação, é autobiografia da personagem (história da experiência vivida por Teodorico Raposo); portanto, ainda que os acontecimentos tenham uma referência externa verificável, sabe-se que o texto de Eça é ficção, é criação do autor; a personagem é vista através das ações, predominando o generalizante e o tempo cronológico. Há nela o desdobramento da instância subjetiva, podendo-se detectar nesse texto ficcional a ruptura da instância unitária (eu) que pode ser resumida em diversas outras unidades semelhantes.

¹⁰ BRUSS, Elisabeth. Op. cit. nota 5.